

O sujeito, globalizado e sem bússola

A sociedade contemporânea é a sociedade da desinibição, das exposições, dos excessos. A família surge, assim, da mesma forma: pautada pela busca do excesso, por exemplo, de bens ou riqueza

Leny Magalhães Mrech

A perspectiva psicanalítica se inicia com Sigmund Freud, o primeiro a sistematizar a descoberta do inconsciente. Antes dele, acreditava-se que apenas a consciência ocupava o lugar principal no processo de estruturação do sujeito. Possibilidade essa, diga-se, explorada ao máximo pela filosofia.

Mas o que mudou com o surgimento da psicanálise? Jacques Lacan, no Seminário I — Os escritos técnicos de Freud, revela que "[...] a descoberta de Freud é a redescoberta, num terreno não-cultivado, da razão". Por meio da psicanálise, portanto, foi possível ter contato com outro tipo de razão: a que traz a lógica simbólica do inconsciente, ultrapassando os limites propostos pela razão tradicional.

Freud introduziu o inconsciente na cultura, identificando que há uma parte de nós — o inconsciente — a que não se tem acesso direto: apenas podemos fazê-lo indiretamente por meio das formações do inconsciente: sonhos, atos falhos, lapsos de linguagem, chistes e sintomas. Essa foi uma descoberta que marcou de tal modo a cultura contemporânea que se pode separar em dois momentos os estudos nessa área: antes e depois de Freud.

Antes de Freud, os sintomas eram vistos a partir das perspectivas médicas, biológicas, filosóficas etc., ou seja, os sintomas eram lidos a partir do Outro, sobretudo, do Outro social. E era esse Outro quem forneceria respostas para aquilo que o sujeito apresentava. Com Freud e depois de Freud, o paciente passa a ocupar o lugar principal na cena, em que a palavra do sujeito se destaca, algo que tornou possível ao sujeito falar do seu sintoma, alterando dali em diante o próprio andamento da psicanálise e associando-a definitivamente à escuta da fala do paciente.

Ao longo de sua obra, quanto mais Freud avançava na escuta de seus pacientes, mais se dava conta da importância da linguagem. Ele percebia que não se tratava apenas da linguagem relacionada a seu aspecto comunicacional, pois o que caracteriza a psicanálise é o fato de ela revelar os múltiplos efeitos que a linguagem tem no sujeito.

A princípio, Freud acreditava ser possível chegar à significação última dos atos do paciente e que isso poderia solucionar problemas deste de forma definitiva. Mais tarde, ele foi se dando conta de que havia um núcleo irreduzível do sintoma e que isso era algo que não se conseguia resolver nem solucionar. Num terceiro momento, percebeu que o paciente passava de um sintoma a outro e que esse processo nunca terminava. E, por último, identificou que o paciente tende a utilizar, muitas vezes, os benefícios secundários da doença e, assim, acaba por privilegiar o pior.

Isso levou, então, à grande descoberta

de Freud: a identificação da pulsão de morte. Pulsão que aparece no sujeito sob várias formas, como o masoquismo e o sadismo, por exemplo. Nessas compulsões, o sujeito se liga ao sofrimento contínuo ou desencadeia sofrimento no outro. E, a partir daí, pode-se afirmar que nunca mais Freud foi ingênuo em relação à forma de atuação do sujeito e concebeu, com uma densidade cada vez maior, sua teoria a respeito do inconsciente.

Ao longo de sua obra, o inconsciente e a fala foram se tornando cada vez mais entrelaçados, a ponto de a psicanálise passar a ser conhecida como "a cura pela palavra". O paciente precisava falar para tecer a sua posição e, ao falar, percebia que havia muita coisa que acabava escapando. Freud interessou-se, então, pelos sentidos ocultos das coisas, e rapidamente anteviu que esses sentidos tinham a ver com a sexualidade, como lemos neste trecho do quarto capítulo de *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901-1907): "Um

Para Lacan, não se trata de vivenciar o que realmente ocorreu - o acontecimento traumático - mas de reconstruí-lo

Foto

homem com graves inibições em sua vida amorosa, agora com mais de 40 anos, é o mais velho de 9 filhos. Tinha 15 anos quando nasceu o mais novo dentre seus irmãos, mas afirma com absoluta certeza que nunca havia notado nenhuma das gestações de sua mãe. Sob a pressão de minha incredulidade, ocorreu-lhe a lembrança de, certa vez, aos 11 ou 12 anos, ter visto a mãe desatar a saia apressadamente diante do espelho. Acrescentou, então, sem ser pressionado, que ela chegara da rua e, inesperadamente, sentira as contrações do parto. O desatar (Aufbinden) da saia era uma lembrança encobridora do parto (Entbindung)".

Essa forma de analisar os sintomas, atribuindo-os a conteúdos sexuais inconscientemente reprimidos, segue até o presente. Essa análise desvendou o laço do sujeito com a sexualidade e a partir daí foi possível avaliar a dimensão de quanto ela tece as ações e os pensamentos do sujeito.

Relendo recentemente a obra de Freud e Lacan, em seu seminário *O inconsciente real*, o psicanalista Jacques-Alain Miller revela que Freud tornou-se, para o próprio Lacan, um acontecimento na cultura: o chamado acontecimento Freud. Para Miller, Lacan acreditava que Freud havia introduzido um corte na cultura de tal dimensão que, desde então, ela nunca mais foi a mesma, pois esse corte expande-se e em planos cada vez maiores.

Mas Miller vai mais além, ao exacerbar ainda mais o aspecto traumático do corte apontado por Lacan, a ponto de designá-lo como traumatismo Freud. E por que Miller atribui a Freud um traumatismo? Porque as descobertas da psicanálise introduzem o novo e esse acaba sendo traumático em relação aos sujeitos e à cultura. Porque a psicanálise reverbera conteúdos sempre inesperados, abrindo-se para algo que nunca foi visto antes.

Porém, voltando a Lacan, além de ser um continuador das idéias de Freud, ele deu início ao que denominou um retorno a Freud, isto é, o estabelecimento de uma nova perspectiva analítica. Com isso, introduziu outros conteúdos e aprofundou a teoria e a clínica psicanalítica freudiana.

É importante não se esquecer que Lacan apresentava um conceito singular a respeito do funcionamento do inconsciente. Ele o concebia operando em um processo de pulsação, abrindo-se e fechando

continuamente, causando os nossos atos e pensamentos. Miller explica-nos esse processo: "[...] reconhecemos o status do inconsciente como sendo transferencial. Aliás, foi o que me levou a falar, previamente, de inconsciente transferencial. A transferência, então, longe de ser efeito do inconsciente, tem, pelo contrário, [...] muito mais um efeito de causa. É pela transferência que tornamos presente, mobilizamos e lemos o inconsciente".

A transferência e o processo de (re)construção de uma análise

O inconsciente freudiano sempre teve características singulares: em primeiro lugar, remetia a uma relação com o Outro — os pais, os professores, o analista, ou seja, o sujeito transferia algo ao Outro. Freud atribuía uma grande importância à

Durante algum tempo, Freud acreditou que fosse possível restituir a história do sujeito e que a psicanálise poderia proporcionar uma vivência próxima àquela ocorrida no passado

transferência e sugeria que o analista nunca deveria interpretar antes que tivesse instaurado a neurose de transferência, ou seja, que o circuito da história do sujeito fosse passado de alguma forma ao analista. Dessa maneira, a transferência e o inconsciente sempre estiveram atrelados.

Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), Freud reafirma a importância de o sujeito elaborar o que aconteceu no passado. Durante algum tempo, ele acreditava que fosse possível restituir a história do sujeito e que seria possível vivenciar, em análise, algo próximo do que havia acontecido com ele. Mas em 1937, em *Construções em análise*, ele percebe uma diferença: vê o ofício do psicanalista como sendo o daquele que ajuda na construção do próprio dado que está sendo trabalhado: "O analista não experimentou e nem reprimiu nada do material que se considera; sua tarefa não é de recordar algo. Qual é então sua tarefa? Sua tarefa é de fazer surgir o que havia sido esquecido a partir das marcas que deixou atrás, ou mais corretamente, de construí-lo".

Essa constatação levará Lacan posteriormente a afirmar que o analista faz parte do sintoma do paciente. No Seminário I, procura tornar ainda mais precisas as idéias de Freud: não se trata de vivenciar o que realmente ocorreu — o acontecimento traumático — mas de reconstruí-lo: "A restituição da integralidade do sujeito, disse-lhes há pouco, apresenta-se como uma restauração do passado. Mas o acento recai sempre mais sobre a face da reconstrução que sobre a face da revivescência, no sentido que estamos habituados a chamar de afetivo. O revivido exato - que o sujeito se lembre de algo como sendo verdadeiramente dele, como tendo sido verdadeiramente vivido, que se comunique com ele, que o adote — temos nos textos de Freud a mais formal indicação de que não é o essencial. O essencial é a reconstrução, é o termo que ele emprega até o fim".

Na psicanálise, nos distanciamos de uma leitura direta dos acontecimentos, pois o que nos interessa é o processo de construção/reconstrução que o paciente realiza durante sua trajetória terapêutica

Desse modo, percebe-se que, na psicanálise, nós nos distanciamos de uma leitura direta dos acontecimentos, pois o que nos interessa é o processo de construção/reconstrução que o paciente realiza na análise. Lacan aponta que o importante é reescrever a história: "Ele (Freud) nunca abandonou algo que só se pode formular da maneira que eu acabo de dizer - reescrever a história -, fórmula que permite situar as diversas indicações que ele dá a propósito dos pequenos detalhes nos relatos em análise".

Em Freud podemos ver a importância de lidar com um inconsciente que se tece com base na transferência, na história e na reconstrução dos relatos do paciente. Lacan, no entanto, aponta também para a importância da recriação e, assim, como diz Jorge Forbes em *A invenção do futuro — Um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade* (2005), Freud aparece como o analista do passado, enquanto Lacan surge como o analista do futuro, o analista da recriação e da construção.

Da transferência ao real

Ao longo da obra de Lacan, podemos encontrar várias etapas e a primeira é mais freudiana, principalmente em relação aos dez primeiros seminários, porém, a partir do Seminário 11 — *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, inicia-se o período mais autenticamente lacaniano da sua obra. E, assim, embora Lacan sempre dissesse que os outros poderiam ser lacanianos, a ele mesmo reservava um lugar singular: o de ser freudiano.

No Seminário 11, vemos que Lacan dá uma intencionalidade maior ao vínculo com o inconsciente e a linguagem e, pela primeira vez, propõe que se veja o inconsciente em seu vínculo com a linguagem, por meio de seu axioma maior: o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Lacan assinala que aquilo que caracteriza o inconsciente não é ele ser ôntico, vinculado ao ser ou não-ser, mas ser ético: "[...] O que quer que seja, é preciso chegar lá — porque, em alguma parte, esse inconsciente se mostra". E, então, onde o inconsciente se mostra? Lacan avança nas colocações freudianas, explicitando melhor o vínculo entre o inconsciente, a transferência e a fala: "A transferência não é a atualização da ilusão que nos levaria a essa identificação alienante que constitui qualquer conformização, ainda que a um modelo ideal, de que o analista, em caso algum, poderia ser suporte — a transferência é a atualização da realidade do inconsciente".

Para Lacan, a transferência não é mais apenas a edição das experiências afetivas do paciente que se desdobram em transferência positiva e transferência negativa. Lacan concebe a transferência como a própria atualização da realidade do inconsciente. E, desse modo, ele introduz uma concepção dinâmica de inconsciente, vinculando-o à própria linguagem e à fala: "O inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que o inconsciente é estruturado como uma linguagem".

No Seminário 11, Lacan não se refere mais à necessidade de lidarmos com o inconsciente das divindades e de práticas ocultistas: ele o transporta para outra dimensão, aquela da ordem do não nascido: "[...] O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não nascido".

Lacan desdobra, então, o conceito de repetição trazido por Freud e revela, no Seminário 11, que há a repetição do repetido e a repetição do novo. A primeira reedita as situações passadas; e a segunda, as situações novas que o sujeito gostaria de instaurar em sua vida e que nunca consegue fazê-lo. Essa situação permite que, ao longo da sua obra, Lacan dê um passo a mais, explorando o motivo de o sujeito não conseguir ir para o novo. Ele constata os impasses que a própria estrutura simbólica — a estrutura da linguagem — desencadeia nos sujeitos.

Na última etapa do seu trabalho, iniciada a partir do Seminário 23 — *O Sinthoma*, Lacan se volta para a identificação dos processos vinculados ao gozo.

Desde o Seminário 20, ele já havia identificado que a linguagem não serve apenas para se comunicar, ela serve para gozar. E, com isso, Lacan constata que o sujeito goza da linguagem e ela goza dele. Não se trata apenas de lidar com os circuitos de significação e de sentido, mas sim com os circuitos de repetição, principalmente, de repetições vinculadas ao gozo.

Como Freud já havia antevisto, o circuito pulsional atua de maneira decisiva no sujeito e a linguagem apresenta um estreito laço com esse processo. E é preciso destacar ainda que Lacan se dá conta da importância crescente do registro do real, o qual sempre escapa aos processos de significação.

Se Freud reportava todas as significações ao conteúdo sexual, Lacan irá mais além, reconhecendo que não há relação sexual, ou seja, que não há significação última para os processos e que nós nunca conseguimos alcançar o real, pois ele sempre nos escapa:

"Na realidade - primeira aproximação da palavra real, que tem um outro sentido no meu vocabulário — nessa realidade limitada que se atesta pela ex-sistência do sexo". O que significa essa passagem? Será que Lacan não acredita mais na significação sexual proposta por Freud? Na verdade, ele continua a pensar na mesma direção, mas o sexual toma outras conformações, como fica claro numa passagem do Seminário 23: "O próprio esboço do que chamamos pensamento, tudo o que faz sentido, comporta, desde que mostre sua cara, uma referência, uma gravitação ao ato sexual, por menos evidente que seja esse ato. A própria palavra ato implica a polaridade ativo-passivo, o que é engajar-se em um falso sentido. [...] O conhecimento, portanto, desde o início, mostra o que ele é: enganoso. É justamente por isso que tudo deve ser retomado desde o início a partir da opacidade sexual. Digo opacidade porque não percebemos que o sexual não funda em nada qualquer relação".

Estamos, portanto, diante de perspectivas distintas: Freud, inicialmente, tentava apreender os conteúdos sexuais por meio do saber (das significações e sentidos); Lacan vê a impossibilidade desse processo, ao assinalar que todo conhecimento é enganoso e essa constatação o direciona para o real, que nada mais é do que o real da opacidade do sexual: "[...] o real se funda por não ter sentido, por excluir o sentido ou, mais exatamente, por se decantar ao ser excluído dele".

Por esse motivo, Miller nos alerta para o fato de o chamado "Lacan final" — do Seminário 23 em diante — nos apresentar outro inconsciente: o do real, o in-

Obra do artista indiano Anish Kapoor. Para Lacan, "nós nunca conseguimos alcançar o real, pois ele sempre nos escapa"

Foto

consciente do circuito da opacidade sexual e daquilo que escapa a todos os sentidos, a todas as significações.

Decorrências dos dois inconscientes na cultura

Como vimos, as obras de Freud e Lacan deixaram marcas na cultura: Freud nos trouxe outro olhar sobre a sexualidade; Lacan revelou que há algo além ao qual é preciso ir, para termos uma postura ética. Mas é preciso saber de que maneira esses dois inconscientes estão presentes na sociedade e na cultura.

Na época de Freud, destacava-se o inconsciente transferencial, tecido pelas relações com o Outro e pelos circuitos de transferência simbólica a partir dos sentidos e das significações — era a inconsciente

do Complexo de Édipo, no qual o pai ocupava um lugar de destaque. A sociedade, por sua vez, apresentava uma estrutura hierárquica, vertical e pautada nas figuras de autoridade — o Outro —, como o pai, o professor e as figuras políticas, consideradas emblemáticas.

Lacan, por sua vez, ainda entre as décadas de 1930 e 1940, identificou o surgimento de uma grande mudança: a queda da função paterna. O que acarretou a passagem, a transição, para um outro tipo de sociedade, a sociedade horizontalizada, como a chama Jorge Forbes. Nessa nova sociedade, o caminho não é mais a busca dos sentidos e das significações: gradativamente, os impasses da linguagem passaram a ser identificados com base na indicação da existência de equívocos, de não-sentidos

Obra de Hans Holbein que ilustrou a capa do Seminário 11, de Lacan: a caveira como símbolo daquilo que não pode ser visto

Foto

e de conteúdos que não se podem captar.

Lacan, ainda no Seminário 11, delineou o objeto para designar aquilo que escapa e deu como exemplo desse processo a caveira de *Os Embaixadores*, pintura de Holbein. Com a introdução do objeto a, Lacan se direciona cada vez mais para aquilo que não pode ser visto, para o real. E identifica, no Seminário 17 — *O avesso dapsicanálise*, que há um discurso sem palavra, ou seja, que não apenas as palavras dão sentidos e significações, mas a ausência delas também pode gerar conseqüências. Por exemplo, todos sabemos os efeitos, muitas vezes danosos, de uma palavra que não foi dita quando deveria ter sido. E tudo isso leva Lacan a redefinir o lugar do sujeito, a quem ele introduz em uma categoria nova, chamada de falasser.

Do sujeito ao falasser

Do primeiro até o Seminário 11, Lacan havia demarcado a importância da noção de sujeito. Para ele, o sujeito é distinto do indivíduo, da pessoa, pois indivíduo remete a uma espécie; pessoa remete à persona, ou seja, a uma máscara. O sujeito lacaniano tem a ver com o sujeito cindido, que não é inteiro porque está constantemente dividido pela atuação do inconsciente.

O sujeito do inconsciente tem a ver com a incidência das cadeias de significantes. Lacan dizia que o sujeito está entre dois significantes, mas ele não é um nem outro. Segundo essa concepção, há obviamente uma ênfase dada ao registro do simbólico, ou seja, a uma vertente mais direcionada pelo inconsciente transferencial. No entanto, cada vez mais, na parte final da sua obra, Lacan vai atribuir importância ao corpo que goza.

Esse enfoque leva Lacan a introduzir o conceito de falasser. Para ele, nós somos "seres na fala", isto é, a cada momento, somos tecidos pela fala, pela linguagem e por seus efeitos, de modo que o falasser é o sujeito mais o corpo.

Lacan privilegia o quanto o corpo é afetado pela linguagem, pelos efeitos da fala, por quanto o sujeito sofre os efeitos de gozo atravessando seu corpo. E é interessante lembrar que o corpo, para Lacan, tem a ver com o imaginário e confere certa consistência ao corpo, embora o corpo real continue a escapar: "O amor próprio é o princípio da imaginação. O falasser adora seu corpo, por-

que crê que o tem. Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante".

Na época de Freud, o excluído era o corpo, a sexualidade; na época de Lacan, tornou-se cada vez mais evidente o quanto o corpo ocupava um lugar de destaque, a tal ponto que se faz uma entificação do corpo, privilegiando-se o corpo perfeito, o corpo ideal. "O corpo decerto não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente, trata-se de fato constatado mesmo nos animais. É precisamente o que é antipático para a mentalidade, porque ela crê nisso, ter um corpo para adorar. É a raiz do ima-

Em nossa cultura, há uma crença de que é possível controlar o corpo, de que é possível domesticá-lo. Vivemos a época da prevenção, do higienismo. Mas o corpo continua a nos escapar, a nos surpreender

ginário. Eu o penso, isto é, eu o faço, penso, logo eu o ensoufro. Em suma, é isso. É o sexual que mente lá dentro, ao ficar se relatando demais".

Existe ainda outro efeito sobre o qual Lacan nos alerta: em nossa cultura, há uma crença de que é possível controlar o corpo, de que é possível domesticarmos o corpo. Por exemplo, vivemos a época da prevenção e tentamos prevenir todas as doenças por meio de comida saudável, exercícios e práticas higienistas. E, a cada momento, constatamos que o real do corpo continua a nos escapar, a nos surpreender.

Na sociedade atual, há uma exposição excessiva do corpo, na qual o sexual mente. Não é pela forma mais liberal de se vestir, de atuar, que se liberta dos distúrbios sexuais: eles não desapareceram da cultura contemporânea, ao contrário, permanecem da mesma forma como eram no passado, muitas vezes tão graves quanto eram antes. Desse modo, pode-se dizer que há algo que sempre retorna em todas as culturas e sociedades: o retorno do recalçado. Processo esse que aparece, no entanto, sob formas diferentes.

Na sociedade da época de Freud, a sexualidade se apresentava de maneira reprimida. Os efeitos sintomáticos se faziam sentir,

sobretudo, nas histéricas. Elas apresentavam sintomas de paralisia, sem que nenhum nervo ou órgão fosse afetado. Seu corpo seguia outros parâmetros, revelando que havia um corpo dentro do outro, que era simbólico e imaginário, mas que afetava o corpo real.

Na sociedade atual, há uma exposição excessiva da sexualidade, pois não há mais repressão, mas isso não quer dizer que os sujeitos não sofram os efeitos dela. Há muitos relatos de inapetência sexual com aspectos depressivos, ou seja, os sujeitos poderiam exercer a sua sexualidade, mas não o fazem, porque optam por se manter à margem, como ocorre com os celibatários.

Efeitos na família

Os efeitos desses processos na família variam. Naquela que podemos chamar de "freudiana" — a hierárquica —, o processo repressivo surgia de maneira bastante marcada: o pai ocupava o lugar central e os filhos e

a autoridade do professor não se tece mais da mesma maneira que era feita no passado. Antigamente o professor tinha sua autoridade exaltada. Hoje ela é questionada. Os alunos costumam não aceitar os questionamentos e broncas do professor em relação aos seus trabalhos e atos. Eles muitas vezes os ignoram e continuam a fazer o que querem.

O que caracteriza a sociedade contemporânea é que ela se apresenta como sendo uma sociedade da desinibição, das exposições e dos excessos. A família, então, surge também da mesma forma: é uma família que se pauta pela busca do excesso, por exemplo, de bens, de uma situação financeira o mais confortável possível. E será interessante, a essa altura, verificar os efeitos da crise econômica atual: será que tais efeitos vão modificar a perspectiva da sociedade do excesso?

Outro fator a ser assinalado é que a família contemporânea é bastante reduzida e não tem o mesmo porte da família tradicional extensa. Geralmente, esta se compunha de pai, mãe, muitos filhos e avós. Na família moderna, há uma tendência de a família se limitar a poucos filhos, e os avós são, muitas vezes, deixados de lado. Aliás, para eles, é reservado um lugar complicado: em uma sociedade que se direciona para os jovens, os mais velhos ocupam sempre um lugar secundário, enquanto na sociedade verticalizada tinham um lugar de destaque.

Efeitos na escola

Na sociedade hierárquica, a escola tinha o seu lugar assegurado e andava de braços dados com a família tradicional. Ambas se pautavam em processos repressivos. Educar, então, era transmitir a herança do passado e validar o que os mais velhos tinham descoberto. Então, o que ocorre quando tudo isso muda e a escola se torna outra coisa?

É preciso dizer que educar na sociedade contemporânea não é mais o que foi no passado, pois não se sabe mais o que é educar, já que a educação, hoje, implica criação e não apenas repetição. Então, pode-se dizer que a escola segue também novos contornos e configurações — ela não é mais a mesma, pois precisa desencadear nos alunos novas maneiras de lidar com a cultura e com novas formas de aprender. E, muitas vezes, os seus professores não sabem o que fazer, pois desconhecem como ensinar de outra forma.

Fala-se muito hoje que ensinar é aprender a aprender. Mas o que temos visto nas

Na família hierárquica, o pai ocupava o lugar central, e os filhos e a mulher, um lugar subalterno. Havia ênfase no universal. Na sociedade contemporânea, há espaço para a diversidade e para a singularidade

a mulher, um lugar subalterno. Na sociedade contemporânea — horizontalizada —, o pai perdeu o seu lugar de destaque e as crianças e a mulher ganharam novas posições. Na sociedade hierárquica, havia uma ênfase no universal; na sociedade contemporânea, o direcionamento é para a diversidade e para a singularidade.

Com isso, pode-se dizer que a família contemporânea adquiriu novos contornos, e com isso surgiram novos tipos de famílias: a dos homossexuais, a dos celibatários, a dos casais que optam por não ter filhos etc. E essas novas configurações familiares introduziram outras formas de lidar com as relações entre pais e filhos. E essas se modificaram: os pais deixaram de ocupar o lugar da figura de autoridade e se tornaram amigos de seus filhos, horizontalizando as relações.

Os processos repressivos, os que se achavam mais diretamente vinculados às figuras de autoridade, passaram a se tecer segundo outra ordem: atualmente, há outras formas distintas daquelas tradicionais. Por exemplo,

Foto

A família contemporânea adquiriu novos contornos, e com isso surgiram novos tipos de famílias: a dos homossexuais, a dos celibatários, a dos casais que optam por não ter filhos

escolas, em uma sociedade da informação, é o desinteresse dos alunos em aprender. O interesse deles está em outro lugar, nas outras mídias, por essa razão eles querem aprender o que elas trazem.

Hoje, estamos em um segundo momento na cultura: o da Web 2. A Web 1 foi o momento das informações; a Web 2 é o das mídias de relacionamento, tais como o Orkut, Hi-5 etc. As crianças e os adolescentes ficam encantados em trocar idéias pela internet, pois eles querem algo mais vivo e mais interativo. E, por esse motivo, a escola está passando por uma transformação em busca de novas práticas. Diante desse movimento, os professores se veem convocados a agir para o desenvolvimento de processos criativos de seus alunos,

pois já não basta repetir; é preciso criar.

Freud e Lacan anteviram, a cada passo, as mudanças sociais e por isso acreditamos que a perspectiva psicanalítica nos traz, a meu ver, o cerne da sociedade contemporânea, que, como sabemos, não para, está sempre em movimento. Em suma, a perspectiva psicanalítica traz consigo sempre um convite para que se participe do novo, daquilo que o inconsciente nos traz.

Leny Magalhães Mrech é professora livre-docente da Faculdade de Educação da USP, coordenadora do Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação da Faculdade de Educação da USP e do Instituto da Psicanálise Lacaniana. Escreveu *Psicanálise e educação: novos operadores de leitura* (Pioneira, 1999); e organizou *O impacto da psicanálise na educação* (Avercamp, 2005).